

# **A DIACONIA NA FALA E NA AUDIÇÃO DE JESUS**

*Francisco de Assis Souza dos Santos*

## **RESUMO**

O presente artigo aborda a importância de uma audição holística no decorrer de um aconselhamento pastoral. Tem como exemplo a narrativa encontrada no evangelho de Lucas, em que Jesus, quando caminhava com os discípulos no percurso que os levaria até Emaús, mostra-nos como a diaconia auditiva fez parte de seu ministério. Nos tempos chamados modernos, apesar de toda tecnologia desenvolvida para a comunicação de massa, o ser humano ainda necessita de alguém que esteja ao seu lado, para ouvi-lo, acolhe-lo e orientá-lo. O ouvir de Jesus é dinâmico e sua fala criadora. Assim, aquele que está engajado na diaconia do aconselhamento poderá perceber que a arte de ouvir e aconselhar está para além de métodos frios e impessoais.

## **ABSTRACT**

One of the nuisances easily realized with the advent of Modernity is the failure of the communication. Gadgets and technology do not diminish the gaps that the speech and the word can't fill. This article aims to analyse relevant aspects of

pastoral counseling in the relationship between indirect and direct hearing and pastoral Psychoanalysis. It also searches in the example of Jesus Christ and the Modern Science theorists the direction to a communication which minimizes the harmful effects of the misunderstandings. To serve the neighbor with a holistic hearing is what is expected of whom is available to help the grievous when the words run away and the tears try to give a new meaning to what was unspoken. The path may seem impossible but no one reaches nowhere without taking the first step. What will come after we'll only know if we walk without fear of surprises, with a view to value of well-being of yourself and the others.

### **Ouvir sem escutar**

Não é por ser dotado de capacidade auditiva que se esteja necessariamente ouvindo. A comunicação auditiva, para além da anatomia, envolve disposição mental e atenção não difusa. Esse é mais um compromisso a que se dispõem o conselheiro cristão e qualquer método terapêutico que instrumentalize a voz e a audição como ferramentas de trabalho. Há de se reconhecer que a ciência deu um imenso salto na comunicação de massa: a maioria dos falantes de qualquer nacionalidade conta com instrumentos de comunicação que permite ouvir e falar – telefones, rádios, televisores, internet etc. – e um sem número de invenções põe pessoas em contato com outras nas mais remotas partes do globo terrestre. Mas isso não quer dizer necessariamente que se esteja realmente ouvindo, pois ouvir, do ponto de vista deste capítulo, está para além da tecnologia, para além da simples decodificação de sons ou palavras que, em não raros casos, não dizem nada. Ouvir é algo muito abrangente, envolvendo outros sentidos (tato, olfato, visão, gustação), no que poderíamos denominar audição integral e

integrante, que procura ouvir o ser humano todo e, no caso de uma terapia auditiva, ouvi-lo o tempo todo. Os gestos, as expressões gustativas, os movimentos orbitais, a sensibilidade olfativa, tudo deve ser levado em consideração na conversa pastoral, pois de alguma forma o aconselhando está tentando transmitir o seu incômodo.

## Considerações sobre a comunicação

A primeira década do século XXI pode ser considerada a década da comunicação de massa. Mas o que é comunicação de massa? Vejamos:

A comunicação de massa é a comunicação feita de forma industrial, ou seja, em série para atingir um grande número de indivíduos, a sociedade de massa. Numa visão apocalíptica, ela é uma conversão da cultura em mercadoria, utilizada pelas classes dominantes de forma vertical para homogeneizar as massas. Para definir esta conversão, os frankfurtianos Adorno e Horkheimer criaram o termo Indústria Cultural, citado pela primeira vez em *Dialética do Iluminismo*.<sup>1</sup>

Os avanços tecnológicos nessa área possibilitam produzir um novo comportamento nas massas populacionais que nos leva a refletir sobre como o ser humano tem ouvido o semelhante e se a comunicação está realmente acontecendo. Segundo McLuhan,

---

<sup>1</sup> YOUNES, Nathalia. **O que é comunicação de massa?** Disponível em: <<http://www.jornaldedebates.ig.com.br/debate/midia-toma-partido-ou-cum-pre-seu-papel/artigo/que-comunicacao-massa>> Acesso em: 14 jan. 2008.

as culturas de massa criadas pelos modernos meios eletrônicos (sobretudo a televisão), e sua linguagem própria, baseada na imagem, significava o surgimento de uma nova cultura popular que ia permitir a comunicação entre os habitantes da aldeia global em um mundo comprimido pelas redes eletrônicas de informação, de onde deduzimos que não há a preocupação com o que se informa, a estes meios basta tão somente comunicar.<sup>2</sup>

E como aspecto relevante, a comunicação humana parece dar mostras de que ouvir alguém ou algo que faça sentido torna-se extremamente difícil. O que é significativo e passível de observação, no entanto, é que apesar de todo esse aparato tecnológico à disposição das diferentes classes sociais, o ser humano parece não se fazer entender, quando lemos o que se segue:

Apesar de a comunicação autêntica ser a que se assenta sobre um esquema de relações simétricas — numa paridade de condições entre emissor e receptor, na possibilidade de ouvir o outro e ser ouvido, como possibilidade mútua de entender-se —, os meios de comunicação de massa são veículos, sistemas de comunicação num único sentido (mesmo que disponham de vários feedbacks, como índices de consumo, ou de audiência, cartas dos leitores). Esta característica distingue-os da comunicação pessoal, na qual o comunicador conta com imediato e contínuo feedback da audiência, intencional ou não, e leva

---

<sup>2</sup> [http://www.portaldomarketing.com.br/Artigos/Comunicacao\\_de\\_massa.htm](http://www.portaldomarketing.com.br/Artigos/Comunicacao_de_massa.htm).

alguns teóricos da mídia a afirmar que aquilo que obtemos mediante os meios de comunicação de massa não é comunicação, pois esta é via de dois sentidos e, por tanto, tais meios deveriam ser denominados veículos de massa.<sup>3</sup>

É fácil perceber nas vias públicas e locais de aglomeração de massas (aeroportos, estações fluviais ou ferroviárias, rodoviárias, parques etc.) que a geração deste tempo está marcada pela necessidade de ouvir. São aparelhos de MP3, rádios, televisores e grande número de fones de ouvido usados tanto por jovens como por adultos. Tudo isso nos faz pensar que ouvir ganhou outro significado, o de fazer sentido de alguma forma. Mas quem ouve quem? E o que se ouve? Tal audição tem contribuído para que o homem se torne mais sensível às questões sociais, às carências afetivas, ao outro?

O que é passível de observação é que em meio a tudo isso, o tempo gasto nas comunicações virtuais não satisfaz a necessidade de manter contato real com quem se fala. Contra isso ainda pesa o fenômeno tempo como qualidade, e não como extensão cronológica. Mesmo quando se faculta ao semelhante oportunidade suficiente para que este ouça o outro e a si mesmo, parece que nunca se produz a comunicação. É a guerra do tempo, algo tão imaterial, contra a materialidade das relações humanas. O adágio popular “nada substitui o calor humano” pode ser parafraseado por “nada substitui o estar perto para ouvir, ser ouvido e falar”.

---

<sup>3</sup> Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Comunica%C3%A7%C3%A3o\\_de\\_massa&oldid=5794777](http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Comunica%C3%A7%C3%A3o_de_massa&oldid=5794777)>. Acesso em 12 abr 2010.

## Estudo do texto de Lucas 24

Na assim denominada pós-modernidade, o ouvir está para além da simples decodificação de frases organizadamente justapostas e estruturalmente bem elaboradas. A dinâmica da vida tem reduzido o tempo e o esforço de parar e ouvir a fala do outro. Esse dizer é a própria expressão do mundo, da vida, das expectativas de futuro, do sonho de ser realmente ouvido num mundo em que o barulho ensurdecador de motores, máquinas, carros e tantos outros sons impedem o ser humano de dizer quem ele é. Poucos são aqueles que se dedicam a ouvir o semelhante pela importância que este tem como tal. Cabe aqui lembrar um personagem histórico que aparece nos evangelhos e foi exemplo de como se deve ouvir e falar. O serviço diaconal de Jesus era marcado pelo ouvir e pelo falar, e isso faz muita diferença até os dias de hoje.

A diaconia de Jesus abrange, dentre outros aspectos, a importância de ouvir o homem como unidade do universo que o abarca em todas as suas potencialidades. Mesmo assim, por vezes o ser humano se desintegra em meio a uma multidão sem nome, rosto ou identidade. Uma multidão denominada sociedade – de consumo – que consome quem ele é e o que pode vir a ser, e tenta a todo instante consumir sua própria alma, misturando-a a objetos inanimados, como se estes fizessem parte da vida integral do homem. É a própria robotização da carne humana, na tentativa de eternizar o que perece dia a dia.

Conforme Gustavo Gutiérrez, citado por Gaede Neto,<sup>4</sup> a compreensão holística concebe o ser humano “em sua totalidade: corpo e espírito, indivíduo e sociedade, pessoa e

---

<sup>4</sup> GAEDE NETO, Rodolfo. **A diaconia de Jesus – contribuição para a fundamentação teológica da diaconia na América Latina**. São Leopoldo: Sinodal, 2001. 22p.

cosmos, tempo e eternidade”. Isso nos permite pensar na diaconia auditiva de Jesus, na qual os componentes relacionados por Gutiérrez fazem parte da própria “existência humana em todas as dimensões” assumidas pelo Cristo.<sup>5</sup>

Tomemos como exemplo básico de audição holística diaconal de Jesus a narrativa de Lucas 24:13-35, em que dois discípulos do Senhor caminham para Emaús, cidade que distava de Jerusalém não mais que 11 quilômetros.<sup>6</sup> É possível inferirmos alguns aspectos do diálogo: quem fala, do que fala e como aquele que ouve, ao falar, reflete nas palavras o cuidado para com os entristecidos discípulos.

O primeiro aspecto interessante é que o Senhor não interfere na narrativa dos dois angustiados caminhantes. Ouve atentamente todo o relato, pondo-se ao lado dos dois, numa mesma caminhada, porém com objetivos distintos. Os discípulos dirigiam-se a Emaús e Jesus ia ao encontro daquilo que os angustiava, ou seja, da própria falta de esperança de que o Messias estivesse vivo. Apesar de este anteriormente já os haver advertido que a morte e a ressurreição aconteceriam, conforme Mc 10:32-34, a compreensão dessa realidade, para os “ouvintes” do caminho, parecia algo extremamente difícil.

É a própria conversação que os une. A necessidade dos discípulos de verbalizar sentimentos frustrantes não provoca no Senhor nenhuma precipitação quanto ao que Ele deveria dizer. O que nos parece é que os andarilhos de Emaús estavam indignados com a injustiça (Lc 24:19-20) feita ao Mestre, e um dos aspectos da diaconia é justamente a promoção da justiça.

---

<sup>5</sup> GAEDE NETO, 2001, p. 22.

<sup>6</sup> A BÍBLIA ANOTADA, The Ryrie Study Bible. Tradução de Carlos Oswaldo C. Pinto. Versão Almeida. ed. rev. e atual. São Paulo: Mundo Cristão, 1976.

Frei Beto, citado por Gaede,<sup>7</sup> num artigo intitulado “Diaconia Profética”, escreve que “no Terceiro Mundo este serviço chama-se justiça”, referindo-se à diaconia como exercício da equidade. É interessante pensar que o próprio ouvir pode promover justiça, assim como uma má audição pode sentenciar à morte.

O segundo aspecto é que o Senhor, ao iniciar seu discurso, o faz com uma pergunta (Lc 24:27) suficientemente capaz de imobilizar imediatamente os discípulos. É a própria perplexidade de alguém que pensa que não conseguiu ser ouvido, ou comunicar sua aflição, angústia, tristeza. Tão logo eles encerram a narrativa dos últimos acontecimentos em Jerusalém, Jesus dá início à sua fala, e no final restabelece a esperança daqueles dois seres humanos desolados. Isso é diaconia auditiva holística cristã. Jesus ouviu e falou, e suas palavras foram terapêuticas para eles. (Lc 24:32). Essa forma de agir e pensar pode ser corroborada pelas palavras de Mário Alletti:

A psicoterapia requer forte envolvimento pessoal, que encontra expressão numa comunicação verbal da parte do paciente, sem reservas preconceituosas ou censuras, direcionada a instaurar um melhor conhecimento de si, uma melhor competência dos próprios processos psíquicos, um amadurecimento das capacidades relacionais e, só conseqüentemente e subordinadamente, a “cura” dos sintomas.<sup>8</sup>

O que facilmente observamos é que o Mestre utilizou-se de tudo para o qual Alletti nos chama a atenção. Resumida-

---

<sup>7</sup> GAEDE NETO, 2001, p. 25.

<sup>8</sup> ALETTI, Mário. **Psicologia: teoria e pesquisa**. Brasília: 2008, Vol. 24 n1 p. 117.

mente diríamos que Jesus utilizou a comunicação verbal, não tolheu quem falava, desenvolveu uma empatia pessoal marcante que permitiu a completa comunicação, ouviu o falante e devolveu a fala do que ouviu, numa forma terapêutica capaz de curar qualquer sintoma. Isso é saber ouvir integralmente. Salientamos, ainda, que, ao que nos parece, as palavras do Mestre não estavam envoltas em elucubrações filosóficas que, em vez de promoverem bem-estar, desestimulam a caminhada, metaforizada aqui qualquer caminhada da vida.

### **A diaconia do ouvir**

A questão primordial para os desolados era a esperança que se havia desvanecido com a crucificação do Senhor. Estava implícito na fala dos dois o reflexo de uma compreensão apenas superficial, materialista, do que o Mestre ensinara e demonstrara durante a permanência entre os discípulos. Isso não é de se estranhar, pois mesmo os apóstolos, por vezes, desentendiam o que o Senhor lhes ensinava. Era necessário que Jesus re-significasse as próprias palavras para que seus seguidores não compreendessem equivocadamente o Reino de Deus e o serviço ao próximo, como manifestação de entendimento da mensagem maior de Deus ao ser humano. Jesus ouvia atentamente as interpretações de suas próprias palavras. Perceber a própria palavra outrora dita, mas que por algum percalço não fora entendida, e mesmo assim saber o momento certo de se pronunciar é uma das grandes virtudes que o conselheiro ou terapeuta deve alcançar. O óbvio muitas vezes nos impacienta, mas para quem fala nem tudo é tão óbvio. Segundo Otto Rank, “a psicologia materialista de Freud põe sobretudo em relevo a influência que pode exercer o conjunto dos fatores externos, ou o meio, sobre o desenvolvimento do indivíduo e a

formação do seu caráter”.<sup>9</sup> Entendemos, então, conforme o que diz Rank, que fatores externos podem influenciar nosso modo de expressão verbal e, no caso em questão, influenciavam não apenas o comportamento dos andarilhos de Emaús mas, inconscientemente, possibilitavam uma reestruturação de caráter que descredenciaria toda a vivência histórica dos discípulos, no período em que foram “alunos” do mestre.

### **A diaconia auditiva e a história**

Analisando as dimensões possíveis no serviço diaconal do Mestre, evidenciamos a misericórdia de Deus como elemento fundamental de alcance, ao menos parcial, da profundidade com que a palavra misericórdia se aplica ao contexto, sem ser proferida.

Segundo Schipani,<sup>10</sup> “pessoas sábias faziam a vontade de Deus e incentivavam especialmente a compaixão, a justiça e a paz”. Jesus, como sábio mestre, exerce misericórdia prática ao ouvir pacientemente o relato dos peregrinos, demonstrando que os seus seguidores, e até mesmo os meros observadores do Senhor, foram alvo dessa sábia manifestação da vontade de Deus.

Os caminantes de Emaús se sentiram confortados à medida que ouviam as palavras do Senhor. E como quem é sábio no ouvir também o é no falar, a diaconia auditiva pressupõe a diaconia verbal. Por isso, também, os discípulos insistiram para que o Mestre ficasse com eles e não seguisse viagem. Quem se sente ouvido nas mais profundas idiossincrasias deseja que quem o ouviu esteja sempre por perto.

---

<sup>9</sup> RANK, Otto. **A personalidade e o ideal**. Rio de Janeiro: EMIEL Editora, 1940, p. 10.

<sup>10</sup> SCHIPANI, Daniel S. **O caminho da sabedoria no aconselhamento pastoral**. São Leopoldo: Sinodal, 2004.

Não tem sido primordial a questão de ser ouvido, tratada nos diversos segmentos psicossociais, num mundo onde muitas vozes sem sentido continuam retirando dos outros o sentido de querer viver? Por mais intelectualizada que a sociedade possa vir a ser, “a voz do intelecto é suave, mas não descansa enquanto não consegue uma audiência”.<sup>11</sup> Essas palavras de Freud ainda repercutiriam nas pesquisas mais sofisticadas, tanto no campo da teologia como de outras ciências ligadas ao comportamento humano. Pregações, palestras, discursos, tudo que envolve a palavra e a interpretação promoveu e ainda promove o empenho de muitos estudiosos em obter a comunicação unívoca, absoluta e eficaz.

### **A diaconia auditiva e a comunidade**

Quem não gosta de ouvir uma boa história? A diaconia pode se prestar tanto a ouvir a história de uma vida em conflito quanto a contar outra história que alivie a dor do aflito e transmita-lhe esperança. Isso não sugere que comparar passados desagradáveis tenha efeito terapêutico no conforto ou consolo daquele que sofre. Jesus é um bom exemplo de quem sabe ouvir e contar histórias. Mas a história, como ciência que trata dos eventos formadores das sociedades, das culturas, do passado e das épocas antigas, é que contribui na formação de conceitos que deveriam capacitar o homem a não cometer os mesmos erros de outrora e a promover melhor qualidade de vida para si.

Por trás de uma simples metáfora, de um simples gesto ou atitude registrada pelos narradores neotestamentários, podemos perceber nitidamente que os exemplos históricos usados

---

<sup>11</sup> FREUD, Sigmund. **O futuro de uma ilusão**. Rio de Janeiro: Imago, 2001, p. 25.

pelo Mestre objetivavam uma qualidade de vida não observada em tempos idos e contrastante com a das futuras gerações. Saber ouvir histórias é também perceber os componentes que a tornaram registro importante, a fim de que nessa prática o homem se torne aliado de si mesmo no desenvolvimento individual, beneficiando as gerações seguintes. É mesmo discutível a hipótese de que o cuidado necessário com a fala e a audição poderia evitar conflitos simples que acabaram se tornando guerras. Isso deveria servir como um alerta.

Não deveria existir, segundo nosso ponto de vista, diaconia auditiva que desconsiderasse o apoio da própria comunidade eclesial, porque a igreja deve procurar a integração humana social, suficientemente capaz de superar obstáculos que ainda persistem nas diversas sociedades. Schipani lembra-nos que

O enfoque está na comunidade cuidadora e nos vários contextos de cuidado (ao invés de concentrar-se exclusivamente ou até primariamente no cuidado pastoral como o trabalho do pastor). Em outras palavras, as dimensões de orientação, desenvolvimento, sustentação, reconciliação, libertação e cura do cuidado pastoral que são funções da Igreja como um todo; não apenas para o bem estar de seus membros, mas especialmente em benefício da comunidade humana maior.<sup>12</sup>

O que Schipani apresenta relaciona-se diretamente com uma forma diaconal auditiva capaz de envolver toda a igreja como comunidade terapêutica, a qual, por meio do conselheiro, exerça sua função social integradora. Isso não

---

<sup>12</sup> SCHIPANI, 2004, pp. 78-79.

é muito diferente do que Gaede nos faz pensar ao dizer que “a comunidade que aceita o desafio dessa identidade é na verdade a comunidade que serve”.<sup>13</sup> O desafio nada mais é do que o serviço diaconal em ação. Prossegue Gaede em sua explanação:

A perspectiva da cruz é a base para uma nova ordem na vida da comunidade das pessoas que seguem a Jesus. Esse é propriamente o tema de Mc 10:35-45. Essa constatação fundamenta a relevância da dimensão comunitária da diaconia...<sup>14</sup>

Saber ouvir o clamor dos aflitos distribuídos pelas várias estratificações sociais necessariamente exige um esforço não tão simples dos seguidores do modelo diaconal auditivo do Mestre. A inversão de valores até então fossilizados provocou uma reação que abalou as estruturas vigentes do poder temporal na época de Jesus. Encontramos, assim, uma nova direção apontada pelo Senhor, contrária à seguida por seus contemporâneos: “Ao proclamar para a comunidade de suas seguidoras e seguidores a regra do servir no lugar do exercício do poder, está propondo um contra-modelo à sociedade que vitima a maioria de seus membros.”<sup>15</sup> Não é de se estranhar que o discurso do Senhor tenha desagradado a elite dominante da época, o que não mudou com o passar do tempo. Na vida moderna do século XXI, qualquer discurso que questione o descaso aos menos favorecidos provocará reações que podem levar o orador à morte, nem sempre física, mas econômica, social e moral.

---

<sup>13</sup> GAEDE NETO, 2001, p. 82.

<sup>14</sup> GAEDE NETO, 2001, p. 82.

<sup>15</sup> GAEDE NETO, 2001, p. 83.

O necessitado de socorro precisa encontrar na comunidade dos santos o amparo necessário de pelo menos ser ouvido nas aflições e necessidades. Isso nos leva a pensar que “a igreja é desafiada a redefinir constantemente o seu agir diaconal”,<sup>16</sup> especialmente no que ela é suficientemente sensível e ativa para entender a dor do outro que fala. A igreja é a instituição que pode ser porta-voz atuante dos absurdos despóticos dos poderes públicos para perpetuar o sofrimento humano. Nesse tipo de serviço o conselheiro cristão não pode agir sozinho, antes promovendo a ação e mobilizando toda a comunidade a acolher todo aquele que é cerceado em seu direito de dizer e se torna um mudo funcional, por falta de quem o ouça.

### **A diaconia na fala de Jesus**

Ao caminhar ao lado dos dois discípulos, Jesus não ignorou a história particular narrada por eles, a partir do entendimento de que conseguiriam obter tudo o que experimentaram ao longo do viver comunitário. Gaede lembra-nos de que quando o Senhor, na caminhada para Jerusalém (Marcos 10), anuncia por três vezes a sua paixão e morte, ouve de seus discípulos uma forte reação que demonstrava total incompreensão dos ensinamentos ministrados durante o período de caminhadas juntos.<sup>17</sup> Não se pode afirmar com segurança, mas parece haver pessoas que preferem as más notícias e a elas dão mais importância do que às boas novas. Tal não foi o caso dos discípulos. Mesmo sem o completo entendimento do que o Mestre dizia, a má notícia dita pelo próprio Senhor produziu o efeito humanamente esperado, o mal-estar que os conduziu a uma reação explosiva.

---

<sup>16</sup> GAEDE NETO, 2001, p. 99.

<sup>17</sup> GAEDE NETO, 2001, p. 47.

Não ignorar os componentes históricos que constroem o arcabouço de referenciais simbólicos na audição é fundamental para que se entenda o dito do outro. A percepção histórica está presente nos mais simples ensinamentos do Senhor e não pode ser olvidada pelo conselheiro. Bens simbólicos devem ser manuseados com o máximo de cuidado durante uma audição de aconselhamento. De acordo com Don Browning, eis o pensamento de Rieff sobre o simbólico:

Rieff acredita que o simbólico controlador tende a ser o produto das elites criativas de uma cultura particular. Por simbólico controlador ele quer dizer o sistema de idéias e símbolos que organizam o potencial humano dentro de tipos previsíveis de caráter ou personalidade. Forças sociais como a tecnologia dominante da civilização, sua economia, suas mudanças sociais, suas guerras e catástrofes, certamente tudo influencia a formação do caráter moral de um povo. Mas a cristalização final do simbólico controlador sempre parece ser um ato imaginário pela superação individual ou em grupo<sup>18</sup> (tradução nossa).

---

<sup>18</sup> Rieff believes that “controlling symbolics” tend to be the product of the creative elites of a particular culture. By controlling symbolics he means the system of ideas and symbols that organize human potential into predictable types of character or personality. Social forces, such as a civilization’s dominant technology, its economy, its social changes, its wars and catastrophes, certainly all influence the formation of the moral character of a people. But the final crystallization of a controlling symbolic always seems to be an imaginative act by one outstanding individual or group. In: BROWNING, Don S. **Generative man: psychoanalytic perspectives**. New York: A Delta Book, 1975, p. 13.

Inferimos, então, que o Mestre soube lidar com todo o referencial simbólico em que esteve inserido durante a caminhada com os discípulos de Emaús. Em nenhum momento Ele perde de vista a importância de tudo aquilo que representava valor social e material para os seus ouvintes, e até mesmo aspectos que, mesmo não revelados nitidamente, estavam presentes no diálogo e no comportamento dos três. Isso é digno de consideração porque nos mostra claramente que o Senhor jamais deixou de levar em conta as tradições, os símbolos, os ritos e os costumes do povo, porém ampliou o significado do simbólico para que seus discípulos entendessem a profundidade da mensagem que Ele veio viver e pregar.

Ele, Jesus, via e lia a história de seu tempo, não se esquecendo de todo o passado evolutivo até que Ele entendesse e interpretasse os anseios dos ancestrais históricos representados na figura dos caminhantes de Emaús. Freud alude sobre a interligação entre presente e passado numa perspectiva de audição analítica e tal alusão podemos aplicar ao nosso estudo:

[...] em geral, as pessoas experimentam seu presente de forma ingênua, por assim dizer, sem serem capazes de fazer uma estimativa sobre seu conteúdo: isto é, o presente tem de se tornar o passado para que possa produzir pontos de observação a partir dos quais eles julguem o futuro.<sup>19</sup>

Talvez a ingenuidade dos caminhantes naquele tempo em que estiveram com Jesus não os tenha deixado perceber que a história do Cristo remontava a tempos anteriores aos fatos narrados e por eles vividos. O risco, então, está em desconhecer fatos que marcaram e formaram a cultura da nação. Não entender

---

<sup>19</sup> FREUD, 2001, p. 10.

a própria história e o tempo em que se vive é fator prejudicial para quem deseja exercer a diaconia auditiva próxima da demonstrada pelo Senhor. Como um conselheiro cristão comprometido com o serviço, qualquer “suspiro” num momento de conversa pastoral pode se tornar a resposta para questões fossilizadas e jamais verbalizadas. As interjeições são um bom exemplo, no caso da língua portuguesa. O que aparentemente nada tem de significado fora do contexto, ao ser corretamente compreendido, enriquece e torna expressiva a fala, pois apesar do instinto da palavra, o ser humano ainda não conseguiu dicionarizar tudo que as emoções potencialmente podem produzir. E aquilo que a palavra não pode representar de alguma forma não existe ou não pode ser compreendido. Daí, também, a importância dos ícones, dos símbolos, dos sinais e de um simples piscar de olhos.

### **A diaconia auditiva de Jesus supera o óbvio**

Imaginemos uma situação vivida pelo Senhor, em que um deficiente auditivo e com disfunção na fala tentasse externar seus anseios e angústias. Segundo Uwe Wegner, citado por Gaede, “... é necessário desenvolver a sensibilidade para a percepção além do óbvio, pois nem tudo é visível a olho nu”.<sup>20</sup> A invisibilidade do óbvio requer daquele que serve ao próximo um exercício perene de atenção. O próprio silêncio do outro pode ser um grito de socorro. Jesus pôde perceber que no silêncio de seu semelhante residia a dor de toda uma vida silenciosa. Quantos não teriam sido os que, sem voz ou emudecidos pelos sistemas opressores criados pelos homens, atravessaram o caminho do Senhor na esperança de serem ouvidos? E quantos não se arriscaram a ser literalmente

---

<sup>20</sup> GAEDE NETO, 2001, p. 101.

eliminados por tentarem se aproximar do Mestre e – o que ainda se tornaria mais drástico – seriam martirizados por crerem num Reino de amor, igualdade e paz. O óbvio não é a miséria, a fome, a mordaça e a indiferença, mas torna-se imperceptível quando o amor é reduzido a dogmas litúrgicos que anestesiam a consciência, perpetuando a fome, não só física, mas sobretudo espiritual.

É fácil reconhecer que as mulheres, as crianças, os pobres, os doentes e os desvalidos formavam uma grande massa populacional nos tempos do Mestre. Frente à liturgia religiosa reinante, eles não eram considerados da mesma espécie. Eram seres invisíveis de uma subespécie, destinados ao silêncio sepulcral ainda em vida pelos que não tinham a sensibilidade do Filho de Deus e se diziam representantes do próprio Criador. A tristeza e o descaso nem sempre são os mesmos para alguns, especialmente para os que não necessitam de socorro.

Jesus não desviava olhos nem ouvidos dos invisíveis seres humanos socialmente rejeitados. É o exemplo do bom samaritano, que segundo Gaede, além de uma ação solidária, sem preconceitos, “vê o assaltado caído à margem do caminho”.<sup>21</sup>

Trata-se de uma forma de “ver” diferente, que permite desencadear uma ação efetiva. Segundo Uwe Wener, citado por Gaede,<sup>22</sup> o samaritano vê, e aqui se infere que ele também ouve o silêncio do caído, com visão e audição de misericórdia muito peculiar ao Senhor. E quem, nos dias atuais, pode se omitir frente aos descabros em que vivem tantas sociedades e culturas ao redor do mundo? Superar o óbvio, como observado no exemplo do Mestre, é viver a denúncia viva de que aquilo que para alguns é tão comum não passa de agressão velada ao desfavorecido. O conselheiro cristão deve estar atento a todo

---

<sup>21</sup> GAEDE NETO, 2001, p. 100.

<sup>22</sup> GAEDE NETO, 2001, p. 100.

tipo de “coisas óbvias” que não se permitem vir a lume. O que agrava ainda mais essa situação é a vasta penetração nas instituições religiosas históricas da espiritualidade alheia aos moldes de Cristo, enormes ajuntamentos de crentes que deveriam ser arautos da justiça e a todo tempo se posicionarem frente a esse “óbvio” que as autoridades insistem em não enxergar.

### **A diaconia auditiva de Jesus influencia quem ouve**

Um bom exemplo pode ser encontrado nos escritos de Freud, ao lermos que “só através da influência de indivíduos que possam fornecer um exemplo e a quem reconheçam como líderes, as massas podem ser induzidas a efetuar o trabalho e a suportar as renúncias do que a existência depende”.<sup>23</sup> Tal foi o legado de Jesus para a humanidade inteira, deixando um exemplo que atravessa épocas, períodos, séculos. Por mais que pareça não evoluir ou extinguir-se aos poucos, continua a desafiar o tempo, como expressão máxima de humanidade a que o homem pode chegar. Sua perenidade assim se configura, mesmo porque o homem não muda de essência, apenas se traveste do que se habituaram a denominar de modernidade.

Jesus conseguiu, com sua forma ímpar de agir, tornar-se um exemplo até hoje enigmático, por causa do poder influenciador capaz de conduzir o homem à busca do semelhante, indo além do que se esperava de um filho de camponês, um trabalhador braçal, um jornaleiro qualquer. Como exemplo, nosso Mestre não induz, mas desperta a consciência dos letargicamente iludidos com discursos falaciosos, promessas etéreas, reinos imaginários.

---

<sup>23</sup> FREUD, 2001, p. 10.

Leonardo Boff, citado por Gaede,<sup>24</sup> define o próximo como quem vai além de si mesmo e se debruça sobre o outro abandonado. Nesse exemplo, que se enquadra perfeitamente na figura do Mestre, quem ouve os ensinamentos do Senhor e os pratica supera-se a si mesmo e humildemente cumpre o único mandamento necessário para o cristão: amar a Deus e ao próximo. Quem ouve os ensinamentos do Nazareno é influenciado e influenciador. É assim que o discípulo percebe que pode servir a Deus no serviço às pessoas. E que atitudes aparentemente insignificantes para alguns, como oferecer um copo de água fria ao sedento, refletem claramente a influência da diaconia do discurso prático de Jesus.

Chega a ser apavorante o nível de descaso a que chegou a raça humana. Sendo bem pessimista, jamais se notou na história das civilizações um grau tão elevado de indiferença e morbidez frente à necessidade do semelhante. O que a ciência e a religião conseguiram, nos tempos modernos, aponta que o ser humano já não possui valor algum, é material descartável, peça de reposição de baixo preço. Por isso, aquele que ouve o discurso do Mestre “diaconiza-se” sem grande esforço, sem necessidade de títulos, rótulos ou tradições fossilizadas inúteis ao clamor do sofredor. Socorrer não se torna trabalho especial na esfera de quem deseja servir, é apenas o prolongamento de seu entendimento do exemplo diaconal de Jesus.

### **A diaconia auditiva de Jesus percebida em outros meios científicos**

A interdisciplinaridade nos evangelhos e nas ciências psicológicas é assunto que merece um estudo à parte. Não se pode negar que a teologia sustenta o mesmo princípio das ciências

---

<sup>24</sup> GAEDE NETO, 2001, p. 111.

psicológicas, pois todas estão interessadas nas reações comportamentais da mente humana, observáveis nos relacionamentos psicossociais. A religião é, sem dúvida, um campo vasto de análise das questões transcendentais também pesquisadas por outras disciplinas científicas. O elemento complicador, no entanto, é que se a teologia não é uma ciência empírica para alguns, pelo menos desperta e provoca nas ciências humanas de cunho psicológico questionamentos sobre o modo como o personagem de um livro considerado sagrado por grande parte da população mundial consegue mobilizar sociedades ao redor de todo o mundo e estabelecer comportamentos diferentes.

A sociologia estuda os fenômenos causados pelas mais diferentes manifestações de crença e fé. A arqueologia tenta desvendar os mistérios de escritos, pergaminhos e papiros que conduzem a uma reflexão profunda que desafia a razão humana. E o mais recente fica a cargo da neuroteologia.<sup>25</sup>

Observemos o que tem a nos dizer Rieff sobre a influência da teologia, e aqui, da teologia diaconal, com respeito ao que ela provocou ao não contribuir com o pensamento do drama humano. Assim lemos o que o escritor afirma:

Rieff afirma que Calvino e a teologia da igreja reformada produziram a tão chamada ética protestante e o homem protestante tem sido dominante no

---

<sup>25</sup> NOTA: “**Neuroteologia**”, também conhecida como **Bioteologia** ou **Neurociência Espiritual** é o estudo da base neural da espiritualidade e emoção religiosa. A meta da **Neuroteologia** está em descobrir os processos cognitivos que produzem experiências espirituais ou religiosas e relacioná-las com padrões de atividade no cérebro, como elas evoluíram nos humanos, e os benefícios dessas experiências. Origem: Wikipédia, a enciclopédia livre. Disponível em: < <http://pt.wikipedia.org/wiki/Neuroteologia> > Acesso em: 04 Fev. 2010. Cf. LALANDE, A. **Vocabulário técnico e crítico de filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

Ocidente desde o século XVI até o início do século XX. Rieff acredita que a síntese protestante agora entrou em colapso e no seu lugar surgiu a psicanálise. O que para Calvino era apoio, agora foi substituído por Freud. O simbólico freudiano e a presença revelada de seus pensamentos desviou a população em geral, através de corporações mundiais de psiquiatras e psicanalistas, que se tornaram fonte básica que alimenta o autoentendimento do homem moderno<sup>26</sup> (tradução nossa).

Fica assim evidenciado que a psicanálise, como parte das ciências psicológicas, insere-se no contexto teológico pelas lacunas que a própria teologia não conseguiu suprir. E se a psiquiatria hoje se sobressai como ciência apresentada como alternativa para o sofrimento psíquico, isso também provém das falhas encontradas na teologia, que impediram a análise do transcendente de forma racional, se assim, paradoxalmente, podemos afirmar. Pois como um Deus que, na leitura de muitos, é só paz e amor, permite que catástrofes, guerras, desequilíbrios ainda aconteçam com sua criação principal – o ser humano – se este ainda não se encontrou totalmente?

---

<sup>26</sup> Rieff claims that Calvin and the theology of the Reformed Church produced the so-called Protestant ethic and the Protestant man which have been dominant in the West from the sixteenth to the beginning of the twentieth century. Rieff believes that the Protestant synthesis has now collapsed and that in its place has come psychoanalysis. Where Calvin stood, now stands Freud. The Freudian symbolic and the commanding presence of Freud's own mind, siphoned off into the general population through a worldwide corps of psychiatrists and psychoanalysts, have become the basic source feeding modern man's self-understanding. In: BROWNING, Don S. **Generative man: Psychoanalytic Perspectives**. New York: A Delta Book, 1975, p.13.

Fica evidenciado, então, que a teologia perdeu terreno para outras ciências que, ao invés de minimizarem a aflição do ser humano, se utilizam de paliativos incapazes de responder aos anseios mais profundos do homem. Ou seja, como preencher o vazio existencial que cresce concomitantemente ao avanço das ciências tecnológicas?

### Uma audição que provoca eco

A forma como os evangelhos apresentam o relacionamento de Jesus com seus contemporâneos faz-nos refletir sobre conduta e comportamento. Lalande<sup>27</sup> define conduta como “conduzir, governar, dirigir; e comportamento como ação reflexa, desde que observada nas espécies inferiores”. A partir daí sugerimos que a conduta de Jesus nos evangelhos influencia um número significativo de pessoas, no que eu denomino de eco auditivo da diaconia de Jesus. É interessante, nesse contexto, observar o que escreveu Wittgenstein: “Aquilo que se sabe quando ninguém nos interroga, mas que não se sabe mais quando devemos explicar, é algo sobre o que se deve refletir. [É evidentemente algo sobre o que, por alguma razão, dificilmente se reflete]”.<sup>28</sup>

Essa reflexão do filósofo alemão sobre o saber não interrogado, mas que faz parte do pensamento humano, é limpidamente abstraída dos exemplos diaconais vividos e ensinados pelo Senhor. Não é necessário um discurso bem elaborado para entender que as pessoas são mais importantes do que objetos e bens materiais. O homem, em toda a sua totalidade, foi

---

<sup>27</sup> LALANDE, A. **Vocabulário técnico e crítico de filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 1996, p. 534.

<sup>28</sup> WITTGENSTEIN, L. **Investigações filosóficas**, it. 89. Coleção os pensadores. São Paulo: Nova Cultura, 1989.

o objetivo maior da diaconia auditiva de Jesus, porque rico ou pobre, necessita sentir-se integrado a alguma forma de sistema ou arranjo para se encontrar e se perceber como indivíduo pertencente a um grupo. E não foi isso o que o Senhor também fez, despertando o sentimento de cada um para o convívio fraterno de ajuda mútua por meio da diaconia? O ser humano, ao se permitir pensar questões como essas, tende a se transportar para além de si mesmo. E aquilo que seu pensamento não materializa ou significa em palavras corre o risco de não existir, posto que a dessignificação não permite o encadeamento das ideias.

### **Uma audição que provoque e tenha significado**

Ao ouvir seus interlocutores, Jesus re-significa humildemente palavras até então destituídas de valor relevante. Parece que a sua audição produzia eco no ouvinte, quebrando o senso comum de representações até então jamais ampliadas e passíveis de uma nova cosmovisão. Pode parecer paradoxal que ouvir influencie tanto no comportamento e na ação humana. Não é tão simples tentar explicar por que alguns sons mexem com nossos humores, estados emocionais e até mesmo reações musculares, produzidas por impulsos elétricos cerebrais. Quem tem ouvidos e não ouve pode apenas imaginar uma comunicação sonora.

Segundo Gaede, “Jesus ao acolher um termo profano (diakoneîn), tão insignificante na época”,<sup>29</sup> consegue ampliar-lhe o significado para designar uma dimensão fundamental da vida comunitária e da própria história salvífica. A diaconia relaciona-se diretamente a tudo que Jesus disse, fez e ouviu.

---

<sup>29</sup> GAEDE NETO, 2001, p. 44.

Vigotski assim explica o valor do significado das palavras: “O significado de uma palavra representa um amálgama tão estreito do pensamento e da linguagem, que fica difícil dizer se se trata de um fenômeno da fala ou de um fenômeno do pensamento”.<sup>30</sup> Pode-se estabelecer, a partir da citação de Vigotski, uma relação direta com o tratamento de Gaede da ressignificação do termo *diakoneîn* usado por Jesus. É ainda Vigotski que diz: “Uma palavra sem significado é um som vazio; o significado, portanto, é um critério da palavra, seu componente indispensável. Pareceria, então, que o significado poderia ser visto como um fenômeno da fala”.<sup>31</sup> O significado de que trata Vigotski e prudentemente lembrado por Gaede é de vital importância para o entendimento de que uma única palavra carrega em si a potencialidade de desenvolver ações até então ocultas para o ouvinte. E não há a menor dúvida de que Jesus sabia do poder da linguagem e da palavra mal significada ou re-significada. Danos até certo ponto irreversíveis comprovariam mais tarde, no desenvolvimento das sociedades humanas, aquilo que o Mestre já sabiamente antevia.

O que Jesus dizia e ressignificava para os ouvintes era a própria materialização de algo situado dentro deles, que por variados motivos não tinham a coragem ou a força necessária para refletir sobre o efeito do dito. O Mestre, então, de forma nem sempre delicada, mas vislumbrando um efeito construtivo, não poupava esforços no ensino da palavra falada e ouvida. O uso refletido da palavra e seu modo de emprego nos locais apropriados de significação, além de potencializá-la, alcançam os labirintos mais exóticos do pensamento humano.

---

<sup>30</sup> VIGOSTSKI, L.S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2000, pp. 150-51.

<sup>31</sup> VIGOSTSKI, L.S. 2000, pp. 150-51.

## **Uma audição que desafia o contemporâneo de Jesus**

Prosseguindo na caminhada auditiva, ao lado dos dois andarilhos no caminho de Emaús, Jesus, dando novo enfoque à história, “expõe a ferida da sociedade”<sup>32</sup> que não soube ler, ouvir e nem interpretar os valores de seu tempo. Eram inúmeros os doentes, aflitos, famintos e necessitados não alcançados pelos “diáconos” profissionais.

Os mais ilustres intelectuais se fechavam nas masmorras interiores e se esqueciam de que “a diaconia se caracteriza pela sua abertura ao mundo, pela sua comunicação com o mundo, pela sua parceria com iniciativas que tenham a partilha como proposta”.<sup>33</sup> A diaconia está aberta ao diálogo, ao esforço de entender o que o outro tem a dizer, e nessa tentativa de comunicação buscar soluções que possibilitem um encontro com Deus, com o próprio sujeito e com o próximo. A comunicação é um ato de boa vontade e que envolve os que assim desejam se comunicar. Saber ouvir é uma arte que, com o passar do tempo, não tem sido tão valorizada como merece. Não é de se estranhar, então, por que os seres humanos parecem perpetuar a narrativa histórica da Torre de Babel, pois cada um fala uma língua e quase ninguém se entende de verdade.

### **Uma audição que confronta a modernidade**

A questão da modernidade trouxe consigo, dentre outros tantos aspectos, um que particularmente nos chama a atenção, por se referir a elementos cotidianos sociais. Assim escreve Giddens, sobre a alteração da vida social:

---

<sup>32</sup> GAEDE NETO, 2001, p. 178.

<sup>33</sup> GAEDE NETO, 2001, p. 184.

Altera radicalmente a natureza da vida social cotidiana e afeta os aspectos mais pessoais de nossa existência. Surgem novos mecanismos de auto-identificação que são constituídos pelas instituições da modernidade, mas que também as constituem.<sup>34</sup>

A dinâmica auditiva de Jesus, apesar de tão antiga, continua a desafiar os tempos atuais porque, mesmo com toda a evolução científica e tecnológica do homem, este continua se questionando sobre seu real significado neste planeta. Nem toda cultura, ciência e tecnologia conseguiu demolir a frieza dos relacionamentos observados em nossos dias. Se “a modernidade produz diferença, exclusão e marginalização”,<sup>35</sup> a contemporaneidade acirra esse estado de coisas. Qualquer tentativa de reverter esse avançado processo de estratificação social incorrerá em conflitos, do pensamento às vias de fato. A modernidade reduziu o homem a peça robótica, substituível no caso de não produzir o que ela criou ou está para criar. É essa modernidade que fomenta o desejo para que, ao lotear o futuro, o poder econômico ocupe área mais valorizada do que o saber humano.

A audição diaconal de Jesus, ao contrário das estruturas moldadas pelo mercado, devolve ao homem seu lugar no plano maior da criação. O ser humano Jesus demonstrou, com sua conduta de vida, que apesar da marcha da história em meio a encantos e desencantos, valorizar o semelhante ainda é o grande desafio de todos os tempos. E qualquer forma de diminuição, exclusão ou marginalização do indivíduo no contexto social deve ser combatida com as armas mais poderosas ao alcance de todos: a palavra, o discurso e o amor.

---

<sup>34</sup> GIDDENS, 2002, pp. 9-16.

<sup>35</sup> GIDDENS, 2002, pp. 9-16.

O modelo de diaconia de Jesus confronta a modernidade ao apresentar, nas mais variadas dimensões, aspectos que recolocam o homem no centro do universo. É verdade que o antropocentrismo pode ser narcísico, como aponta Giddens, ao comentar a modernidade: “...um tipo entre outros de mecanismo psicológico e, em alguns casos, uma patologia que as conexões entre identidade, vergonha e projeto reflexivo do eu fazem surgir”.<sup>36</sup> Trata-se, nessa perspectiva, do eu como centro de todas as coisas. Ao contrário, o discurso de Jesus de Nazaré conduz o homem em direção ao semelhante, não para o confronto de forças, mas para a construção mútua de uma vivência, senão pacífica por excelência, pelo menos enriquecida de misericórdia. A modernidade congela o ser, petrifica-o e despersonaliza-o, a tal ponto que este não se reconhece nem ao se deparar com a própria imagem refletida no espelho.

As dimensões práticas, proféticas e comunitárias da diaconia de Jesus ainda continuarão sendo motivo de investigação e pesquisa para os empenhados em um mundo mais justo e igualitário, independentemente de as ciências modernas procurarem ou não anular, desacreditar ou confundir a mensagem central vivida pelo Senhor. O exemplo de humanidade das narrativas do Novo Testamento continua a desafiar governos, entidades, organismos e até mesmo a falsa espiritualidade travestida de costumes e liturgias arcaicas que já não atende aos anseios de uma sociedade carente de ouvintes. Segundo Gaede, “toda vez que alguém é resgatado da exclusão, está sendo testemunhada a iminente vitória sobre a realidade injusta e revelada a presença da salvação em meio à história humana, aparentemente sem salvação”,<sup>37</sup> numa afirmação que corrobora o exemplo deixado pelo Mestre. Felizes os que ouvem

---

<sup>36</sup> GIDDENS, 2002, pp. 9-16.

<sup>37</sup> GAEDE NETO, 2001 p. 155.

e não se conformam com a miséria como indústria produtora de farrapos humanos.

A diaconia de Jesus também permanecerá como motivo de estudo e confrontação com as antigas e modernas realidades vividas, já que os registros encontrados nos evangelhos sobre os ensinamentos de Jesus, seu modo inovador de perceber o homem, sua prática simples de refletir verdades profundas e a aceitação de suas ideias pelas mais diferentes ordens sociais levam-nos a crer que “a diaconia se caracteriza pela sua abertura ao mundo, pela sua comunicação com o mundo, pela sua parceria com iniciativas que tenham a partilha como proposta”.<sup>38</sup> Isso permitirá confrontar os efeitos maléficos da modernidade, sem, contudo, dela excluir o que pode melhorar a qualidade da vida humana.

### **Prosseguindo para o alvo de conselheiro**

A diaconia de Jesus, especificamente no que diz respeito à sua percepção auditiva do próprio contexto temporal e da sociedade judaica daquela época, supera qualquer tentativa de fechar questão sobre assunto tão relevante. O interesse do Mestre pelos menos favorecidos e seu empenho em resgatar o homem sempre garantirão exemplos confiáveis a quem abraçar a causa de fomentar a prática do amor no seio da sociedade.

Andar ao lado de Jesus e dos dois discípulos na caminhada de Emaús faz-nos repensar como tem sido percebida a questão da diaconia em nossos dias. Não estamos alheios ao contexto que envolveu todo o agir do Mestre nem às dificuldades de estabelecer uma conexão que faça sentido hoje, tanto no que diz respeito às suas palavras como à sua forma *sui generis* de ouvir o outro.

---

<sup>38</sup> GAEDE NETO, 2001, p. 184.

Pelo exposto, entendemos que ouvir o outro não é tarefa para aventureiros despreparados. A importância atribuída pelo Senhor aos que o procuravam denota que não se deve confundir a audição diaconal com outras formas terapêuticas de serviço.

O conselheiro que não tenha como princípio básico perceber os detalhes sugeridos por Jesus por meio de suas metáforas, parábolas e outras formas de significação das situações por Ele experimentadas correrá o risco de não ouvir o outro.

Isso, no entanto, não estreita o caminho a ser percorrido pelo conselheiro. Não o autoriza, portanto, na busca de instrumentalização intelectual e técnica, a lançar por terra personagens da história que, assim como Jesus, se dedicaram ao árduo trabalho de ouvir o próximo. De fato, na diaconia auditiva o primeiro a ser ouvido é o próprio conselheiro, que deve ouvir a si mesmo. Mas como fazer isso? Sugerimos a aproximação de profissionais competentes e experientes, leituras despidas de preconceitos sobre assuntos incomuns nos círculos religiosos e também sociais, como contribuições para o melhor desempenho na função de conselheiro ou diácono da audição.

A diaconia da audição exige o aparentemente antagônico: a imparcialidade parcial. Imparcialidade, porque quem ouve deve estar bem preparado para as narrativas mais desumanas. Foi assim que Jesus demonstrou o evangelho do Reino, e aqui uso o termo *demonstrar* porque no exercício diaconal do Filho do homem o exemplo maior era Ele mesmo. Sua aparente imparcialidade fez com que muitos o considerassem glutão, amigo de pessoas de moral duvidosa e até filho de uma entidade obscura.

A parcialidade percebida ao longo desta reflexão foi a ampla defesa, pelo Senhor, dos princípios elementares para a sobrevivência humana. Em momento algum Ele abriu mão de

suas convicções a respeito de Deus e do próprio homem. O risco a que o diácono da audição se expõe, quando desequilibrado em assuntos que envolvam fé e comportamento humano, é o de provocar danos irreversíveis em si mesmo e naqueles a quem deve ouvir.

Segundo nosso ponto de vista, a audição diaconal coerente promove o ser humano assim como Jesus o promoveu, não condescendendo com o desvio ou o erro, mas possibilitando meios que capacitem o necessitado a melhorar sua própria qualidade de vida de modo a alcançar os semelhantes.

Não se resume tudo isso no mandamento de amar a Deus e ao próximo? Esse é o parâmetro indissociável de qualquer dimensão diacônica, facilmente percebida nos relatos sobre Jesus, e também o grande objetivo do conselheiro ou diácono da audição ao praticar a diaconia auditiva de Jesus, tornando simples o que para muitos ainda é complexo. Ou seja, o amor de Deus pela criatura ultrapassa os limites das complicadas estratégias montadas pelos homens, a fim de tornar simples e objetiva a prática do cristianismo diário, de boas obras e de amor, sem que necessariamente o conteúdo principal, o amor-caridade, torne-se apenas mais uma bela teoria, nos compêndios e tratados teológicos que mais dificultam do que facilitam a espiritualidade.

A contemporaneidade é ruidosa, e o imenso barulho que produz abafa os sinais de que a surdez emocional, social e intelectual impede os homens de se entenderem, comprometidos física, mental e espiritualmente. Se isso acontecer, será lastimável e, portanto, novos recursos de terapias auditivas devem ser pesquisados, e outros reatualizados, para que o caos não se instaure tão avassaladoramente como já se pode prever. O legado dos estudos e observações de Freud poderá abrir novos rumos para que o homem se conheça melhor e não se perca em meio aos conflitos mais íntimos.

O conselheiro necessariamente precisa olhar para o passado, não só para reconhecer caminhos não mais aplicáveis na modernidade, mas, sobretudo, para compreender nas lacunas da teoria psicanalítica a oportunidade de aperfeiçoar seu trabalho. Aprender com os equívocos é não temer as contribuições psicanalíticas – como as que veremos no próximo capítulo – que continuam válidas para o conhecimento da psique humana, bem como encarar os novos desafios que surgirão com a evolução e dinamização de outras ciências.

## REFERÊNCIAS

- YOUNES, Nathalia. **O que é comunicação de massa?** Disponível em: <<http://www.jornaldedebates.ig.com.br/debate/midia-toma-partido-ou-cumpre-seu-papel/artigo/que-comunicacao-massa>> Acesso em: 14 jan. 2008.
- 2[http://www.portaldomarketing.com.br/Artigos/Comunicacao\\_de\\_massa.htm](http://www.portaldomarketing.com.br/Artigos/Comunicacao_de_massa.htm).
- 3Disponível em:<[http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Comunica%C3%A7%C3%A3o\\_de\\_massa&oldid=5794777](http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Comunica%C3%A7%C3%A3o_de_massa&oldid=5794777)>. Acesso em 12 abr 2010.
- GAEDE NETO, Rodolfo. **A diaconia de Jesus – contribuição para a fundamentação teológica da diaconia na América Latina**. São Leopoldo: Sinodal, 2001. 22p.
- A BÍBLIA ANOTADA, The Ryrie Study Bible. Tradução de Carlos Oswaldo C. Pinto. Versão Almeida. ed. rev. e atual. São Paulo: Mundo Cristão, 1976.
- ALETTI, Mário. **Psicologia: teoria e pesquisa**. Brasília: 2008, Vol. 24 n1 p. 117.
- RANK, Otto. **A personalidade e o ideal**. Rio de Janeiro: EMIEL Editora, 1940, p. 10.
- SCHIPANI, Daniel S. **O caminho da sabedoria no aconselhamento pastoral**. São Leopoldo: Sinodal, 2004.
- FREUD, Sigmund. **O futuro de uma ilusão**. Rio de Janeiro: Imago, 2001, p. 25.

**LALANDE, A. Vocabulário técnico e crítico de filosofia.**

São Paulo: Martins Fontes, 1996, p. 534.

**WITTGENSTEIN, L. Investigações filosóficas**, it. 89. Coleção os pensadores. São Paulo: Nova Cultura, 1989.